O Barão de Studart membro ilustre da Sociedade de S. Vicente de Paulo

LUÍS SUCUPIRA

Quando faleceu Frederico Ozanam, em 8 de setembro de 1853, o grande Lacordaire, dando-lhe o último Adeus, dizia, que "nem um de nós preencherá o vazio que nos deixastes e nem um de nós conquistará no coração dos homens aquilo que no nosso conquistastes". E acrescentava: "Vós nos precedestes na morte, porque já nos havíeis precedido na virtude: os pobres rezaram por vós e nos raptaram a vossa alma. Durante vinte anos fostes se não o mais forte, pelo menos o mais puro objeto dos nossos olhares. Fostes o mestre de muitos e o consolador de todos. Escolhido por Deus para, após longos anos de humilhações, reconduzir a glória aos campos da verdade, cumpristes fielmente, até o último dia, essa missão de honra e de paz. O pobre vos contemplam junto à sua enxerga, a tribuna literária, de pé em face de uma geração, e a imprensa, êsse outro instrumento do bem e do mal, teve em vossa pessoa honesto e religioso artífice. Não feristes de morte a ninguém, antes com as feridas que provocastes curastes a morte, porque era a caridade que as provocava. Ficando na vossa retaguarda, já não teremos a doce alegria da vossa presença nem da vossa palavra. Mas nos fica ainda a satisfação de vos louvar, e quaisquer que sejam as circunstâncias em que nos encontrarmos, ao fim da nossa carreira, será nossa maior alegria

imitar-vos de longe, assim Deus no-lo permita".

Frederico Ozanam, que mereceu tão majestoso elogio fúnebre de um dos mais empolgantes oradores sacros da França, realizou, nos reduzidos quarenta anos de sua passagem na terra, uma obra dessas que ficam para a eternidade.

Com apenas 19 anos já frequentava as aulas da Sorbonne em Paris e sua atuação intelectual e moral era tão grande que assumia sem esfôrço, aliás, de sua parte, a direção da juventude católica da grande cidade, então considerada a capital do mundo literário e artístico, e onde predominava o Racionalismo no mais alto grau, instigado, propagado, desenvolvido justamente pelos professores da Sorbonne, como Letronne e Jouffroy.

Ozanam encabeçou a reação contra aquela onda de materialismo iluminista e, para mais bem realizar sua tarefa, organizou uma associação em que reunia "todos os amigos do estudo e da verdade". Abrindo uma liça a tôdas as opiniões, excluindo apenas os assuntos políticos do programa, o domínio da discussão era ilimitado e a liberdade de opinião plena e completa, sem outros freios que "o das conveniências e da razão".

A nova sociedade recebeu o nome de "Conferência de História", e nela se destacava cada vez mais aquêle jovem imberbe de apenas 20 anos, que dissertava com vigor, proficiência e autoridade sôbre conhecimentos os mais variados, desde a mitologia na Índia, à poesia e sua influência, a literatura oriental, a ação do clero e dos leigos, a Filosofia e o Cristianismo, etc.

Numa tarde de março de 1833 regressavam à sua "república", de volta de uma das animadas sessões da Conferência de História, Ozanam e outro colega, de nome Augusto Le Taillandier, como êle da Escola de Direito. Vinham ambos acabrunhados porque, após as discussões violentas em tôrno de assuntos palpitantes para os moços ali reunidos, um dêles se saira com a seguinte observação:

— Tendes razão em destacar o que realizou a vossa Reli-

gião no passado. Nos tempos atuais, que faz ela? Não passa de uma árvore já morta. Onde estão os frutos da caridade que ela devia apresentar?

Ozanam concordava em que lhes faltavam as obras de caridade e compreendia que "a bênção dos pobres é também a de Deus".

Daí, na mesma ocasião, meterem os dois mãos à obra, para o que convidaram outros dois amigos, Lallier e Lamache, comparecendo todos perante Bailly a quem expuseram o plano de ação da sua "Conferência de História". Obtida a aprovação do companheiro mais velho, logo obtiveram a adesão de Félix Clavé e Jules Devaux, estudante de Medicina.

E foi assim que, numa França atingida pela descrença, numa Paris dominada pelo ceticismo e pelo naturalismo em plena florescência, surgiu uma maravilhosa manifestação da caridade, por iniciativa de um jovem brilhante e culto, vontadoso e dominado pelo desejo de espalhar o bem aos deserdados da sorte. Numa das primeiras reuniões do novo sodalício, um dos membros que a êle aderira, Léon Le Prévost, sugeriu se desse um patrono à instituição nascente, lembrando o nome de S. Vicente de Paulo. Daí por diante, a Conferência de História passou a denominar-se Conferência de S. Vicente de Paulo, e, com a propagação da obra, através de novas conferências, veio o título definitivo de Sociedade de S. Vicente de Paulo. Seu espírito resume-se em poucas linhas: "Imitar a caridade de Cristo, e, afim de respeitar e honrar o pobre, ver nele, segundo preceito evangélico, a pessoa mesma de Cristo".

A semente inicial multiplicou-se admiràvelmente e, quando morreu Ozanam vinte anos depois, suas Conferências se espalhavam por numerosos países, sendo que, na França, iam seus membros a mais de dois mil, socorrendo cinco mil famílias com cêrca de vinte mil pessoas.

Nesse movimento centrífugo, tinha que chegar também ao Brasil, graças à atuação de estudantes que se haviam formado em Paris. E, assim, em 4 de agôsto de 1872 começou a Sociedade de S. Vicente de Paulo a vicejar em nosso País, com

a fundação da sua primeira Conferência no Rio de Janeiro.

Em 27 de dezembro de 1876 instalava-se na Cidade do Salvador, na Bahia, a Conferência de S. José, a décima terceira a implantar-se no Brasil. E entre seus 14 membros, na maioria estudantes, figurava o jovem Guilherme Studart, cearense, que ali cursava o quinto ano de Medicina, apesar de contar apenas vinte anos de idade.

A instalação foi feita solenemente, com a presença do ilustre bispo D. Antônio de Macedo Costa, que presidiu à sessão, e havia pouco tempo saíra do cárcere da Ilha das Cobras, onde cumpria injusta pena de prisão com trabalhos, por se ter oposto às manobras da Maçonaria em associações religiosas.

A direção da sociedade, que inaugurava na Bahia a obra vicentina, estava assim constituída:

Presidente, Antônio Lacerda; primeiro vice-presidente, Manuel Vitorino Pereira, que chegou à Presidência da República; segundo vice, Guilherme Studart; secretário, Francisco de Macedo Costa; tesoureiro, Joseph Mawson.

Assim, pela primeira vez, aparece nos fastos das atividades vicentinas no Brasil o nome de Guilherme Studart, mais tarde conhecido no nosso País e fora dêle pelo título de Barão de Studart.

A adesão do jovem estudante de Medicina ao movimento de assistência à pobreza desvalida, por intermédio da instituição fundada por Ozanam, era um indício da sua atuação bem destacada nos meios católicos da capital baiana, e tanto assim que lhe deram na primeira Conferência fundada ali o lugar de vice-presidente.

De fato, Guilherme Studart estava, como Ozanam, sempre à frente das manifestações católicas, especialmente naquelas de protesto contra as arbitrariedades do Poder, abusos da fôrça, aberrações da justiça, que levaram à barra de tribunais iníquos e ao cárcere imerecido dois eminentes Prelados, como era D. Vital e D. Macedo Costa, pelo simples fato de haverem cumprido heròicamente o seu dever, na defesa dos

supremos e impostergáveis direitos da Igreja.

Disso mesmo dá testemunho, em discurso pronunciado cinquenta anos após a fundação da Conferência de S. José, Mons. José Basílio Pereira, um dos quatorze que formaram naquela reunião, quando salienta "as manifestações entusiásticas de aprêço, prestadas, por tôdas as classes sociais, aos dois Prelados que voltaram em triunfo às suas dioceses, após serem libertados do seu cativeiro, manifestações a que se uniram setenta alunos da Faculdade de Medicina, dos mais distintos, entre os quais Manuel Vitorino e Guilherme Studart".

Formando-se em 1877, já nêsse ano o jovem médico aparece em Fortaleza como o Bom Samaritano, enfrentando os horrores que a sêca espalhava entre a multidão de flagelados vindos dos sertões. Servia aos infelizes enfermos dia e noite, visitando incansável as barracas imundas em que morriam às centenas as vítimas da peste e da varíola.

Em 8 de dezembro de 1879 surgia no Ceará a primeira Conferência vicentina, fundada, porém, na cidade de Aracati pelo Dr. Antônio Sabóia de Sá Leitão, sob a invocação de S. Francisco. E' interessante notar que o Dr. Sá Leitão, após exercer por vários anos a magistratura no nosso Estado, entrou para o Seminário, em Pernambuco, ali ordenando-se sacerdote, vindo a morrer como virtuoso ministro de Deus, em 2 de junho de 1917, naquele Estado.

Não coube ainda a Fortaleza a fundação da segunda Conferência, mas a São Bernardo das Russas, por iniciativa do Dr. João Pedro de Sabóia Bandeira de Melo que deu à mesma o nome de Sagrados Corações, em 11 de abril de 1880, seguindo-se-lhe, na escala cronológica, o Icó, onde Albino Soares estabeleceu, em 15 de agosto do mesmo ano, a Conferência de Nossa Senhora da Expectação.

Depois de espalhada pelo interior do Estado, em 1882, com a fundação de conferências em Crato, Baturité, e novamente Aracati, sòmente a 8 de setembro dêsse ano surge na capital do Estado, a Conferência de S. José.

Instalada no consistório da igreja da Sé, teve a presidir à

sua primeira sessão Monsenhor Hipólito Gomes Brasil, incluindo-se, entre seus membros fundadores: Mons. Liberato Dionísio da Costa, Cel. Manuel Francisco da Silva Albano, Antônio Bezerra de Meneses, Júlio César da Fonseca Filho, Ten. cel. José Antônio Moreira da Rocha, Fabrício José de Brito, Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Meneses, Cel. José Francisco Albano, José Nicolau Afonso Maia, José Albano Filho, João Tibúrcio Albano, José Barbosa Simões, Antônio Soares da Cunha, Francisco Antônio Guedes, Raimundo Notano Ribeiro, Emiliano Correia Sidrim, Cândido José Pacheco e Teófilo Bezerra de Meneses Filho.

Assim, entre os fundadores da Conferência primaz de Fortaleza não consta o nome de Guilherme Studart que, na verdade, só a ela se incorporou a 4 de fevereiro de 1883, proposto que foi a 28 de janeiro, pelo confrade Dr. Francisco José Dória. No dia 2 de abril de 1883 funda-se na Capital a segunda Conferência, com o nome de S. Luís de Gonzaga, dando isso margem a que se reunissem os membros das duas associações para a organização de um Conselho Particular. Essa reunião verificou-se a 8 de setembro do mesmo ano, e da sua notícia consta a escolha do Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Meneses para presidente do dito Conselho Particular, cabendo a vice-presidência ao sr. Guilherme Studart.

Pode-se dizer, pois, que foi a partir de 8 de setembro de 1883 que tiveram início entre nós as gigantescas interferências do Barão de Studart no apostolado vicentino. Vemo-lo, então, em 19 de março de 1885, fundando a Conferência do Sagrado Coração de Jesus, a quarta a ser instalada em Fortaleza e da qual foi aclamado na ocasião Presidente.

Quinze dias depois, por determinação do Conselho Geral de Paris, criava-se em Fortaleza o Conselho Central do Ceará, sob a presidência de Francisco Antônio Gomes de Matos, recaindo a escolha de primeiro secretário no confrade Guilherme Studart.

Em 8 de junho de 1889, o Barão de Studart é elevado á função de Presidente do Conselho Central, cargo em que per-

maneceu durante 42 anos, sòmente dêle afastando-se em 22 de novembro de 1931, por motivo de completa cegueira.

Na ocasião em que se retirava da direção geral da Sociedade de S. Vicente de Paulo no Ceará, recebeu o venerando Presidente uma das mais emocionantes manifestações de apreço já prestadas a uma pessoa em nosso meio. Falando nessa ocasião, o arcebispo D. Manuel da Silva Gomes declarou que já se habituara a ver o nome do Barão de Studart visceralmente ligado á Sociedade de S. Vicente de Paulo, constituindo como que uma só e mesma coisa. Êle, porém, não seria pròpriamente substituído. Sua personalidade como que se desdobraria, com a colocação de outro Presidente ao seu lado, porque êle continuaria o Presidente perpétuo da Sociedade de S. Vicente de Paulo no Ceará.

Realmente, o Barão de Studart foi uma reprodução viva e palpitante de Vicente de Paulo e Frederico Ozanam em terras cearenses. Desde que tomou a ombros as responsabilidades do movimento vicentino no Estado, não descurou um instante no dar ótimo desempenho à sua tarefa.

Procurou desde logo desenvolver o apostolado das Conferências, espalhando-as por tôda parte. Quando assumiu a Presidência do Conselho Central, que em 17 de agosto de 1917 passou a denominar-se de Metropolitano por motivo da criação das dioceses de Crato e Sobral, estavam funcionando nas várias cidades cearenses 53 conferências. E ao se ver forçado, por motivo de moléstia, a passar a outro o bastão de comando, subia a 380 o total das conferências, subordinadas a 66 Conselhos Particulares, englobando cêrca de 9.000 confrades.

Dedicado inteiramente aos trabalhos de direção e de esclarecimento do sodalício vicentino, sabia proporcionar-lhe, com o espírito de ordem, de meticulosidade, de minúcia e de paciência que lhe era peculiar, uma diretriz segura e exemplar.

Cada sessão do Conselho Central, e, depois, Metropolitano, era uma demonstração admirável do seu zêlo e da sua dedicação pela obra incomparável de que se fizera um timoneiro

insubstituível.

Em alocução pronunciada a 22 de julho de 1906, dizia êle que "de duas cobiças tinha cheio o coração: — dar lenitivo a algumas na série incontável das misérias humanas; do estudo e contemplação dos males alheios tirar a lição necessária para o cultivo da virtude e prática do bem".

E com êsse admirável programa de atividades não cessou de propugnar pela aplicação cada vez maior dos postulados estabelecidos por Ozanam, que, na verdade, fêz uma nova luz sair para o mundo.

Assim, no desenvolvimento do seu programa instalou em 1894 a Obra da Adoração Noturna, hoje transformada em Adoração Perpétua, graças ao Arcebispo D. Manuel, entregando-a aos Padres Sacramentinos.

Em 24 de maio de 1895 inaugurava a Dispensa dos Pobres, destinada a proporcionar socorros em gêneros alimentícios às famílias pobres socorridas pelas Conferências da Capital.

Em 21 de julho de 1912 entregava à Sociedade a sua nova sede, em prédio próprio, situado na Praça do Coração de Jesus.

Além do socorro direto aos desvalidos, fim primordial da Sociedade de S. Vicente de Paulo, o Barão de Studart incentivava outras obras relacionadas com a Caridade, como o ensino do Catecismo, o estabelecimento de escolas primárias a cargo das Conferências, a criação de bibliotecas junto às mesmas, o auxílio às vocações religiosas, a instituição de uma cooperativa para auxílio aos enterros de confrades, não se esquecendo também de fundar e manter ininterruptamente, desde 1888, a Revista do Conselho Central Metropolitano da Sociedade de S. Vicente de Paulo, no Ceará.

De tudo êle dava conta, a tudo queria estar presente, em tudo procurava influir com a sua palavra de experiência, seu conselho de observador circunspecto, sua decisão de grande conhecedor dos homens.

Nas quatro assembléias gerais que se reunem anualmente, estava sempre presente, com o seu Relatório copioso, meticuloso preciso e completo. Não se limitava a expôr cifras

nem ficava tão só na rotina da repetição de fatos administrativos. Oferecia informações oportunas, desenvolvia conceitos espirituais de profundeza incomparável. Diante dos sofrimentos que tão de perto conhecia, informava aos seus confrades que "a miséria é um oceano sem praias e com o andar dos dias amplia-se o círculo dos desventurados e aumenta a messe dos campos negros do vício. E' isso um corolário do crescimento e da expansão das raças e das classes, as quais se digladiam e se esmagam; é isso uma dedução obrigada das teorias que o século tem em seu favor e propaga com indefesso entusiasmo. O mundo prostra-se por suas próprias mãos, é um suicida. O século sucumbe por efeito de venenos que êle próprio manipula e está a propinar contìnuamente. O homem julga bastar-se e morre por atrofia, por inanição. Não há negar que a miséria avassala o mundo e que o futuro das camadas inferiores, das classes proletárias, levanta-se diante da moderna sociedade como a mais medonha das interrogações, como esfinge terribilíssima. E o que será dos nossos protegidos, que vivem dos poucos cartões que lhes vamos levar à choupana mal aquecida e de tudo desprovida? Eis aqui exposto em sua revoltante nudez um fato, que entrego às vossas consciências de confrades. Mas não há problemas verdadeiramente insolúvel, não há problema inquietador se buscarmos resolvê-lo à luz pura do Evangelho. Enlacemos o mundo numa rêde de caridade, como dizia Ozanam. Olharemos nossas obrigações de confrades pela face da esperança, pelo aspecto das alegrias sadias. Aplicaremos êsse otimismo cristão ás diversas circunstâncias de nossa vida de soldados, embora tíbios, da fé, e de obreiros, embora preguiçosos, do bem".

No desenvolvimento da obra vicentina em nosso País o Ceará ocupou sempre lugar destacado. Isso mesmo acentuava o "Boletim Francês", no Relatório lido em Assembléia Geral em Paris, no ano de 1885. Ali se diz que "de todos os países da América do Sul foi o Brasil que viu a nossa Sociedade realizar maiores progressos, progresso êste, é verdade, que se concentrou quase inteiramente em uma das províncias dêsse

vasto Império — o Ceará".

O Conselho Central de Fortaleza foi o segundo a instalar-se no Brasil, o que vem comprovar a situação de proeminência das atividades vicentinas em terras cearenses.

Inegàvelmente se deve a Guilherme Studart muito dêsse desenvolvimento, dessa atividade profícua, dessa penetração abundante e extensiva das Conferências de S. Vicente de Paulo entre nós.

E tão notável foi sua atuação que chegou ao próprio Romano Pontífice, que, em recompensa por tanta dedicação e operosidade cristã, lhe conferiu em 22 de janeiro de 1900 o título de Barão, mediante lembrança exclusiva do então bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira (1).

Falando aos seus confrades na Assembléia Geral de 21 de julho de 1912, o Barão de Studart, explicando a frase de Latino Coelho, quando afirmava que "só há duas grandes e providentes consolações — crer e saber", dizia:

"Nós, os vicentinos, cremos e com crença robusta, inabalável; sabemos, mas tão sòmente, e êste pouco é tudo para nós, a ciência que salva as almas, a ciência que ensina onde buscar a fôrça precisa para a romaria da vida, onde encontrar os recursos e meios para a higienização da moderna Sociedade, onde munir-se de armas com que se refreiam as paixões e se debelam os vícios.

"Arquimedes dizia que se lhe dessem um ponto de apoio levantaria o planeta. O que na ordem física falta ao geômetra siracusano, nós os vicentinos possuimos na ordem moral, no mundo da Sociedade, êsse ponto de apoio, essa alavanca: são os sentimentos de que nos sentimos avassalados, é a caridade, a mais bela e suave estrofe da poesia do Evangelho, é a fé, Cinosura fiel, lâmpada que se acendeu, rútila, na noite caliginosa do Calvário e vem desde então iluminando as consciências dos povos e das nações, únicas credenciais com que nos apresentamos no engalanado palácio dos ricos e na choupana do pobre, erma e desconsolada. Pela fé e pela caridade temos resolvidos os mais difíceis e intrincados problemas, problemas

que escapam à profunda cultura dos sábios, às argúcias dos críticos e às cogitações dos políticos e dos economistas".

A vida do ilustre cearense, beneditino da História, o Alexandre Herculano Cearense, destacou-se de modo admirável pelo amor que êle tinha aos pobres e pela atenção que dedicava á obra vicentina, penhor da verdadeira Caridade. Na direção da Sociedade de S. Vicente de Paulo, dirigiu-se aos seus confrades 126 vêzes em belas e arrebatadoras alocuções. Fazia questão de tomar a frente das atividades sociais, desde as mais humildes às mais imponentes. Visitava em pessoa as numerosas conferências da Capital, entrava em contacto com a pobreza, aconselhando-a, ajudando-a, receitando-a, edificando-a. Presidia às festas natalinas de distribuição de presentes às famílias socorridas. Acompanhava entusiasmado e entusiasmando as romarias anuais dos vicentinos ao distante subúrbio de Parangaba. Nunca se dedignou de descer até os humildes, êle que vivia nos meios ilustres e era recebido pelos soberanos ingleses, como seu representante no Ceará.

Como disse o jornalista e hoje acadêmico Austregésilo de Athayde, era um santo moderno. Pesquisava sem vaidade, trabalhava sem idéia de recompensa, escrevia sem fátuas esperanças de glória literária, tudo sabia sem pretensão ou soberba.

Como Ozanam, o Barão de Studart prometeu a Deus consagrar os seus dias ao serviço da verdade e da pobreza desvalida. E o fêz de modo incontestavel. Para oferecer a verdade ao mundo, penetrou nos velhos alfarrábios da História. Para ajudar a pobreza sem recursos entregou-se devotadamente ao apostolado ininterrupto da Caridade, desde os bancos da Escola de Medicina até os últimos alentos da sua proveitosa existência de oitenta e dois anos.

---

(1) LEO PP. XIII — Dilecte fili, salutem et Apostolicam benedictionem. Integritas vitae morumque, religionis amor cum doctrinae laude con-

junctus, et quae te comendant singularia in rem Catholicam merita, luculento S. Salvatoris in Brazilia Antistitis suffragio probata, persuadent Nobis, ut praemium recte factis Nostraeque voluntatis pignus, praecipuum tibi honoris, ac nobilitatis titulum exhibeamus. Quare te, a quibusvis excomunicationis interdicti allisque ecclesiasticis sententiis, censuris et poenis, siquas forte incurreris, hujus tantum rei gratia absolventes et absolutum fore consentes, hisce Litteris, Auctoritate Nostra, Baronem facimus atque renuntiamus, quin tamen titulus hujusmodi ad posteros tuos transmissionis jure competat. Proinde tibi, dilecte fili, concedimus ut in plubicis privatisque tabulis, diplomatibus, et Apostolicis etiam Litteris quibuscumque, hoc honoris titulo dici et nuncupari licite possis ac valeas; utque utaris fruaris singulis quibusque honoribus, privilegiis, praerogativis, indulgentis, quibus alii hujusmodi praenobili titulo aucti utuntur fruuntur, vel ut frui possunt ac poterunt. Non obstantibus contrariis quibuscumque. Datum Romae apud S. Petrum sub Annulo Piscatoris die XXII Januarii MCM Pontificatus Nostri Anno Vigesimo Secundo. Dilecto Filio GULIELMO STUDART doctori. LEO XIII. Pont. Max. — Alois. Card. Macchi. Registre-se. Fortaleza, 6 de março de 1900 — JOAQUIM, Bispo Diocesano.